

Museu Inimá de Paula: Ateliê do Artista – Explorando Formas de interação entre público e exposição

Museum Inimá de Paula: Artist's studio – exploring forms of interaction between audience and exhibition

Sandra Martins Farias*

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar um dos módulos expositivos – **Ateliê do Artista** – da exposição permanente do Museu Inimá de Paula (Belo Horizonte / MG) intitulada “Inimá – Um Dialeto Cromático”, em cartaz desde sua inauguração em abril de 2008. A proposta é identificar neste módulo qual o tipo de ação que a exposição pretende promover nos visitantes e qual(is) o(s) tipo(s) de interação é privilegiada, além de apreender seu procedimento na execução de seus objetivos.

Palavras-chave: Museu, Inimá de Paula, exposição, interação.

Abstract: This article aims to analyze one of the modules on exhibition – **Artist' Studio** – of the permanent exhibition of the Museum of Inimá Paula (Belo Horizonte / MG) entitled "Inimá - A Chromatic Dialect," on display since opening in April 2008. The proposal is to identify in this module what type of action that intends to promote the exhibition visitors and which one(s) type(s) of interaction is privileged beyond your grasp procedure in implementing their goals.

Key-words: Museum, Inimá Paula, exhibits, interaction.

1 Museus, interação, mediação – alguns pontos de destaque.

Segundo Grinspum (2000), os museus em suas diversas tipologias – história, ciência, arte – vem ao longo do tempo procurando implantar formas de mediação que possibilitem aos visitantes interpretar suas coleções, por meio das ações expositivas, propiciando as mais diversas interpretações e apropriações, de modo que compartilhem, enquanto cidadãos, a responsabilidade de salvaguardar o patrimônio cultural. Para tanto, os museus, independente de sua tipologia, recorrem a diversos métodos e metodologias de acordo com a realidade vivida pela instituição, considerando acervo, curadoria, perfil de público, programas – expositivo, educativo, de desenvolvimento de acervo, etc..

* Doutora em Integração da América Latina. Universidade de São Paulo/USP. A autora foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP.

Seguindo esta linha de pensamento a ação educativa nos museus, por meio da mediação, toma a arte como bem cultural e propõe torná-la acessível a todos, utilizando métodos e técnicas que promovam a fruição, apreensão, interpretação dos sentidos intrínsecos e extrínsecos de modo a estimular a criação e revelar formas diversas de conhecimento (GRINSPUM, 2000).

Partindo do princípio de que a experiência museal é uma experiência interativa torna-se necessário estabelecer parâmetros e critérios para que se possa identificar em que medida e utilizando quais meios os museus colocam este preceito em ação.

Estudos atuais consideram que a interação entre público e exposição ocorre em quatro dimensões: sociocultural, físico, temporal e pessoal. Nesta concepção a proposta interativa permite tornar ainda mais visíveis as relações que ocorrem tanto durante a visita quanto antes e depois, visto que toma em consideração os antecedentes da visita e fatos relevantes posteriores a ela (ALMEIDA, 2005).

A dimensão temporal é concebida como aquela que possibilita que os elementos vistos em uma exposição podem servir de base para a construção de um novo conhecimento mesmo que já tenha transcorrido um período extenso de tempo (meses ou anos) depois, da visita. Em termos da dimensão sociocultural parte-se do princípio de que ela está presente em todos os contatos do indivíduo no período de visita, quer seja incluído em um grupo quer individualmente ou ainda na interação com outros visitantes e/ou funcionários da instituição. No que se refere à dimensão física tem-se que ela abrange todos os aspectos físicos da visita, desde as peças expostas, a expografia, a edificação e arredores do museu, ou seja: o ambiente expositivo onde ocorre a interação. No que concerne à dimensão pessoal, a concepção é de que ela engloba motivações, conhecimentos, crença do visitante, bem como sua seleção e escolha de percursos, sua postura atitudinal ou mesmo experiências fora do museu, desde que relacionados à experiência de interação ocorrida nesse (ALMEIDA, 2005).

Na perspectiva de conseguir abarcar esta interação têm sido elaboradas propostas sobre tipos de interação, das quais se destaca a de Wagensberg (2000), que estabelece três formas de interação: *hands on*, *minds on* e *hearts on*. A descrição destes tipos é bastante simples, a saber:

- *Hands-on*: esta tipologia concebe como principal forma de interação o toque e a manipulação física, que possibilita a produção de conhecimento ou ampliação do mesmo;

- *Minds-on*: para este tipo de forma interativa a interação ocorre quando se tem alguma forma de engajamento intelectual e/ou quando idéias e pensamentos do visitante são modificados no período da visita ou depois dela, dando origem a questionamentos e dúvidas no visitante, não há manipulação física;
- *Hearts-on*: este modo de interação implica na ocorrência de estímulo emocional, de modo que a sensibilidade do visitante seja atingida e a partir daí ocorra alteração nas concepções deste indivíduo.

Cumprido destacar que nas exposições podem ocorrer mais de um tipo de interação e que estes três tipos de interação podem ocorrer em qualquer tipo de exposição, seja de cunho mais científico, como as exposições de ciências (estações de ciência, museus de ciências, etc.), seja aquelas onde o tema principal incide sobre história ou arte, como as exposições de museus de arte ou históricos Wagensberg (2000).

Para Wagensberg a emoção é elemento fundamental para transmitir conhecimento científico para o público, já que ela não impõe barreiras sociais ou econômicas. A nova museologia pregada por ele e sua equipe deve ser antes de tudo universal e incluir, não apenas os elementos de uma exposição, mas também a arquitetura, conteúdos, comunicação, objetos e equipe. Em entrevista concedida ao Grupo de Estudos acerca das ideias de Evolução e Progresso do Departamento de História da USP, em 2003, ele faz uma reflexão sobre os caminhos e descaminhos de um museu quanto à atração de públicos, no que tange ao que ele considera como central para o sucesso desta empreitada. Em seus termos,

a palavra [chave] 'museística' é a emoção. A museologia moderna deve ter alguns elementos emblemáticos que fiquem na memória coletiva do cidadão. O problema é fazer isso, sem perder o rigor científico. Uma das nossas hipóteses de trabalho é que a audiência de um museu é universal, não depende da idade, da formação cultural ou do nível econômico de seus visitantes, nem do lugar onde está situado. Um bom museu está baseado em emoções, e as emoções são iguais para os jovens, para qualquer pessoa. O museu para os adultos também deve ser *hands-on* [toque], *minds-on* [reflexão] e *heart-on* [emoção]. Tem que haver também uma interatividade mental, mais importante que a manual. Nós queremos que se faça uma nova museologia (WAGENSBERG, 2003, p.16).

Dessa forma, museu é mais que um lugar dedicado às crianças. Ele é acima de tudo um espaço de encontros entre pessoas independente da idade. O museu também não é uma escola, visto que o período em que dura a visita não permite estabelecer uma situação de ensino-aprendizagem como nas instituições formais de educação. Ele deve ser encarado como um lugar no qual ocorre diversas interações

mediadas pela emoção e que deve (ou deveria) ter como resultado o levantamento de questionamentos e de reflexões, despertando a curiosidade. Segundo Wagensberg, “é importante que, na saída, o visitante tenha muito mais perguntas do que ao entrar. O museu deve mudar a atitude do espectador” (WAGENSBERG, 2003, p. 16).

Utilizando das três categorias elaboradas por Wagensberg (2000) e descritas acima, foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio da técnica metodológica da observação no Museu Inimá de Paula (BH/MG). A escolha desta técnica, que é uma das que compõem o método de investigação da ciência antropológica ocorreu devido a alguns pressupostos metodológicos que envolvem uma pesquisa exploratória: o tempo destinado à realização da investigação; o fato de que a perspectiva era captar a interação entre visitante e exposição; as características da visita e do público participante e o propósito da investigação: identificar na ação expositiva deste museu seu potencial e proposta de interação com o público visitante.

2 Contextualizando o Museu

O museu Inimá de Paula faz parte do Instituto Inimá de Paula, que teve sua origem a partir do desejo do artista em promover e incentivar as artes. O Museu é uma homenagem ao artista Inimá de Paula (1918-1999), exaltado como “Fauve brasileiro” e “Mestre das Cores”, importante referência da história da arte no Brasil e uma das “pedras angulares” na consolidação do movimento modernista em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Ceará, principalmente no tocante às artes plásticas.

Em 2001 foi nomeado “Patrono das Artes em Minas Gerais”, coroando sua carreira e obra já consagrada no cenário artístico brasileiro.

Inimá de Paula foi, em 1998, membro ativo na constituição da Fundação que tem seu nome, tendo, inclusive, disponibilizado documentos pessoais (cartas, fotografias e escritos), prêmios, mobiliário e objetos pessoais e profissionais (do seu ateliê, da sua biblioteca e pinacoteca particular). Neste sentido, o acervo do Museu é composto das obras de arte (em número considerável) e de todos estes objetos e documentos nomeados acima, que foram doados pelo artista.

O museu encontra-se instalado em uma edificação (em estilo Art Déco, projetada por Luiz Signorelli e Raffaello Berti, e construída durante os anos de 1926 e 1928) tombada pelo município de Belo Horizonte, pertencente à Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais e que já abrigou dentre outros: o Clube de Belo Horizonte (local onde se realizavam grandes bailes), a rádio e cine Guarani, a Caixa

Econômica de Minas Gerais – Minas Caixa (instituição financeira do governo do Estado). O prédio encontrava-se desocupado desde final da década de 1990 e foi, em 2006, cedido ao Instituto Inimá de Paula por um período de 20 anos, por meio de um termo de Comodato, entre Governo do Estado de Minas Gerais e o Instituto.



Figura 1 – Imagem Frontal da edificação que abriga o Museu Inimá de Paula.
Fonte: <http://www.inima.org.br/fotos/index.html>

Durante o período entre o ano 2006 até a abertura, em abril de 2008, o edifício, de quatro andares, localizado no centro histórico e cultural da cidade de Belo Horizonte, foi restaurado para abrigar o Museu. O projeto de restauração é do arquiteto Saul Vilela e sua estrutura física é composta dos seguintes espaços: Café, Auditório, Salão Inimá e Mezanino, Galeria Virtual, Ateliê do Artista e Plataforma de Exposições Temporárias.



Figura 2 - Reprodução do esqueleto. Desenho que mostra a proposta de estrutura interna do Museu Inimá de Paula nos quatro pavimentos. Fonte: <http://www.inima.org.br/fotos/index.html>

No primeiro pavimento (térreo) encontra-se instalado um Café (desativado no momento – 2010) e o acesso a um auditório (recuperação do espaço da Rádio-Cine Guarani) com capacidade para 150 pessoas, cuja utilização é direcionada para apresentações de artes cênicas, música e audiovisual, promovidas pelo próprio Museu ou por meio de cessão de espaço.

No segundo e terceiro pavimentos (1º andar e mezanino) estão dispostas as obras do artista Inimá de Paula – cerca de oitenta obras do pintor, entre desenhos e quadros expostos por séries (“Arredores de Paris”, “Arrozais japoneses”, “Pintores Brasileiros no Japão” “Paisagens Européias”, Explosão de Cores”, “Queimadas e Derrubadas”); ateliê do artista; sala de auto-retratos; galeria virtual. O ateliê do artista reproduz o espaço de trabalho do pintor, com objetos de trabalho (pinceis, telas), pessoais (mobiliário, livros) e suas premiações mais importantes. A Sala de Auto-retratos é composta por uma série de auto-retratos de Inimá de Paula, dispostas em ordem cronológica e em um ambiente escuro com iluminação especial. A galeria virtual (desativada no momento da pesquisa por problemas técnicos), possui um dispositivo com tela *touchscreen* onde o visitante pode compor uma pequena exposição autoral, das obras catalogadas pela Fundação Inimá de Paula, de acordo com uma seleção (por temática, período, etc.) e mostrá-la, a partir de projeções em uma parede branca, aos demais que se encontram em visitação.



Da esquerda para a direita: Figura 3 - Salão Inimá e Mezanino. Figura 4 - Galeria Virtual. Figura 5 - Ateliê do Artista. Fonte: Arquivo Museu Inimá de Paula. Figura 6 - Sala de Auto-retratos (4). Fonte: Arquivo da autora.

No quarto pavimento (3º andar da edificação) são acolhidas as exposições temporárias, realizadas a partir de cessão de espaço ou por seleção da curadoria do Museu, incluindo tanto obras de nomes consagrados da arte brasileira, quanto de novos artistas contemporâneos. A proposta para a Plataforma de Exposições temporárias é dinamizar o programa expositivo do Museu, trazendo até cinco diferentes mostras durante o ano.



Figura 7 - Plataforma de Exposições – Museu Inimá de Paula.
Fonte: Arquivo Museu Inimá de Paula.

A proposta do Museu Inimá de Paula é, principalmente, divulgar a obra do artista e as artes plásticas de um modo geral. Além disso, em seu escopo conceitual, o Museu pretende que seu espaço também sirva para abrigar eventos culturais dos mais diversos, caracterizando-se como um local aberto à realização de exposições de artistas, seminários, cursos, workshops e outras atividades afins, tornando-se um pólo emissor cultural ativo e dinâmico.

3 Ação educativa em museus – uma visão geral

As ações educativas nos museus têm sido consideradas importantes desde há muito tempo. Se a história do processo de formação das instituições museais fosse analisada poder-se-ia perceber que desde seus primórdios a preocupação com os aspectos educativos estiveram sempre presentes, ainda que conceitualmente em formatos diferenciados do que atualmente se concebe tanto o que vem a ser museu como o que é educação, haja vista as alterações que estes dois termos sofreram ao longo do tempo.

Nos últimos anos do século XX as equipes dos setores educativos de museus começaram a buscar uma maior reflexão sobre sua atuação. Com isso, foram realizados estudos os mais diversos (oficinas, encontros, seminários e conferências) sobre educação em museus, incluindo diversos profissionais e não apenas aqueles que atuam diretamente em museus. Muitas teses de mestrado e doutorado foram concluídas sobre esta temática e suas correlações, conferindo a este campo do conhecimento um caráter mais científico.

As ações ou práticas educativas desenvolvidas em instituições museais podem ser realizadas de modos e configurações diferentes, mas estão sempre buscando encontrar formas que possam traduzir os tipos de mediação que possibilitarão a interpretação dos bens culturais. As propostas vão desde o formato tradicional de visita “orientada”/ “guiada”/ “monitorada”, passando por encontros com professores, projetos específicos a serem desenvolvidos com escolas, ateliês, programas para famílias, oficinas de férias, salas ou espaços de descoberta, jogos, publicações didático-pedagógicas, exposições itinerantes, ferramentas audiovisuais, site, redes sociais, etc. Estes formatos podem ocorrer de modo isolado ou agrupados dentro de um projeto ou programa (CABRAL; RANGEL, 2010).

Em termos gerais, pode-se inferir que as práticas e ações educativas nos museus e as formas de mediação encontram-se vinculadas não apenas à missão

institucional e ao tipo de acervo que o define, mas, também e inclusive, às correntes de pensamento da ciência pedagógica. Assim, a mediação envolve uma abordagem diferenciada diretamente relacionada ao bem cultural, à missão museal e à corrente pedagógica definida pela equipe do setor educativo, fazendo com que a abordagem em museus de arte seja potencialmente diferente daquela ocorrida em museu de ciências ou de história. A pretensão é que o museu seja, por meio das práticas e ações educativas, um espaço de produção de conhecimento.

Neste sentido, o educador de museu deve por meio de sua ação criar um ambiente que problematize o conhecimento estabelecido na ação expositiva por meio do diálogo crítico e reflexivo, argumentando com o público de modo a estimular o debate e a produção de conhecimento.

Com isso, a ação educativa estará ofertando novas possibilidades de interpretação ao visitante em contato com o bem cultural exposto, visto que, independente de nosso estímulo, cada indivíduo, por sua própria inteligibilidade e habilidade estará realizando interpretações e construindo significados, por meio da utilização de estratégias interpretativas próprias, que resultarão na atribuição de novos sentidos ao bem cultural. (GRINSPUM, 2000).

4 Museu Inimá de Paula e ação educativa – explorando perspectivas

A pesquisa realizada, de cunho exploratório, por meio da utilização da técnica da observação, teve como objeto o Museu Inimá de Paula (descrito no item anterior) e se constituiu de visitas ao Museu e no acompanhamento de uma visita orientada¹ por dois arte-educadores do setor educativo (Wellington Pedro e Gabriela Navarro).

Os visitantes eram professores e alunos do ensino infantil da Escola Municipal Professor Cristovam Colombo dos Santos, localizada à Rua Vereador Nelson Cunha, Nº 90, Estoril (BH/MG).

¹ A visita orientada acompanhada encaixa-se em um dos tipos da tipologia elaborada por Grinspum denominada “discussão dirigida” que, segundo a autora, consiste em “um diálogo entre o monitor e os visitantes. Além de lançar perguntas e esperar pelas respostas, os monitores dão informações e fatos em intervalos apropriados durante a discussão. É um dos tipos de visita mais satisfatórios para grupos em geral, pois convida à interação em todos os níveis de aprendizagem” (GRINSPUM, 2000, p. 49).

Para este trabalho, além do acompanhamento à ação do setor educativo, foi feita inicialmente uma visita com a coordenadora do setor educativo do Museu, Camila Michelini, que relatou brevemente a estrutura da instituição, sua proposta curatorial e institucional, e ainda traçou em linhas rápidas o histórico de sua criação.



Figura 9 e 10 - Ateliê do Artista – Museu Inimá de Paula. Fonte: arquivo pessoal.

Visando uma melhor adequação entre o objetivo da pesquisa foi delimitado como espaço privilegiado para realização da pesquisa o **Ateliê do Artista**, contudo durante a investigação dois outros espaços se destacaram como lugares onde outros dois tipos de interação definidos por Wagensberg (2000) foram privilegiados: a **Galeria Virtual** e a **Sala de Autorretratos**. Nestes dois espaços acrescidos durante a investigação foi possível perceber que as proposições de Wagensberg quanto à interação entre visitantes e museu poderiam ocorrer.

Neste sentido, a descrição da proposta de interação dentro da tipologia de Wagensberg (2000) irá considerar os espaços supracitados e seus respectivos tipos de interação, ainda que o principal foco seja o módulo Ateliê do Artista.

O Ateliê do Artista, espaço idealizado pelo Museu Inimá de Paula como uma forma de retratar fielmente o espaço de produção do artista Inimá de Paula, em seus últimos anos de vida. A perspectiva do Museu foi remontar fielmente o ateliê do artista, de modo a retratar aos visitantes seu local e seu método de trabalho. Na composição do espaço do Ateliê foram incluídos objetos pessoais utilizados pelo artista, bem como pinceis, tintas e paletas, além de incluir a exposição da sua última obra, ainda inacabada.

A proposta do Ateliê é mover o público não somente a captar a atmosfera de trabalho e o *modus operandi* do artista, mas também identificar em algumas obras ali dispostas elementos que utilizou para compor suas produções. Além disso, no Ateliê encontra-se uma estante com as publicações que influenciaram Inimá de Paula e em uma das paredes laterais prêmios e títulos que conquistou ao longo de sua vida.

A visitação do Ateliê ocorre logo no início do percurso. Os visitantes de dispõem à frente do módulo expositivo onde ficam os pinceis e paletas do artista, e o arte-educador, localizado na parte interna do ateliê, relata um pouco da história de vida, da proposta artística, e destaca que os objetos dispostos no espaço são originais e doados por Inimá de Paula. Nesta parte do percurso objetiva-se dar a conhecer o artista e sua obra, e um pouco da proposta do Museu.



Figura 10 e 11 - Ateliê do Artista – Museu Inimá de Paula. Fonte: arquivo da autora.

Durante a observação da visitação, no que se refere à motivação promovida pelo mediador, percebeu-se que o estímulo dado provoca alterações no conhecimento dos visitantes, que conseguem acompanhar, minimamente (no caso da turma de estudantes em questão) as provocações colocadas pelo arte-educador.

Neste módulo o tipo de interação é a *minds on*, haja vista que tanto pelo estímulo externo (quer seja pela mediação da equipe educativa, quer seja por uma ficha, que identifica e nomeia os objetos contidos na cena) quanto pela própria observação do cenário o público consegue identificar o uso de alguns dos objetos que compõem o Ateliê nos quadros do pintor, sua proposta artística (não retratar fielmente a realidade), sua busca por aperfeiçoar sua técnica (estante com livros, documentação exposta sobre curso no exterior), dentre outros aspectos.



Figura 12 e 13 - Sala de Auto-retratos – Museu Inimá de Paula. Fonte: arquivo da autora.

A Sala de Autorretratos constitui-se de um ambiente escuro, limitado e fechado por espessas cortinas, onde se encontram afixados 07 autorretratos do pintor.

Também existe a intenção de mostrar por meio do perfil do pintor exposto nos quadros suas diversas fases e perfis pessoais. A sala de autorretratos apresenta as pinturas, nas quais Inimá de Paula perpetuou a própria imagem entre as décadas de 1940 e 1980. Esse ambiente é mais escuro e, nele, as telas recebem iluminação especial – o que causa maior impacto em quem aprecia as obras. A escuridão do ambiente remete à própria personalidade introspectiva do pintor que, quase sempre, aparece com uma expressão séria nas fotografias. Esta perspectiva é confirmada pela equipe de ação educativa do Museu que informou durante a investigação que a proposta deste espaço é destacar as pinturas, dispostas cronologicamente, por meio de iluminação especial e trazer para o público por meio da imersão no espaço escuro e intimista, o temperamento introspectivo do pintor.

A tipologia que se enquadra neste módulo expositivo é a *hearts on*, pois a proposta é despertar no público a percepção do temperamento do artista, que era bastante introspectivo, em contraste com sua obra, vibrante e colorida.

Na observação da visita não foi possível identificar no público a apreensão da proposta, não apenas por se tratar de crianças, mas porque o percurso até a Sala demorou mais que o esperado e era necessário acelerar a visita.

Em outro momento de experimentação do módulo foi possível perceber a ação da proposta, quando da entrada na sala, que estando escura, provocou sentimentos de expectativa e apreensão, além de despertar maior emoção na percepção dos autorretratos e da personalidade do artista, com isso a alteração emocional proposta ocorreu.



Figuras 14 e 15 - Galeria Virtual, Salão e Mezanino – Museu Inimá de Paula. Fonte: Arquivo Museu Inimá de Paula.

A Galeria Virtual, atualmente desativada por problemas técnicos, tem como proposta promover a interação entre público e artista por meio da seleção em uma tela de *touchscreem* de imagens de obras do artista, numa perspectiva de formatação de uma exposição autoral. Esta Galeria encontra-se ligada ao Salão e Mezanino e sua projeção pode ser observada dos dois ambientes. Por encontrar-se desativada não foi possível verificar a interação.

Esta proposta encaixa-se na tipologia *hands on*, haja vista que estabelece a interação por meio do acionamento de mecanismo manual e que a seleção segue dentro da delimitação das séries nas quais as obras foram catalogadas. Assim o público poderá diferenciar uma série de outra, ampliando seus conhecimentos sobre a proposta artística do pintor bem como distinguindo os diferentes momentos e envoltimentos sócio-culturais retratados por sua produção artística.

5 Considerações sobre a relação entre proposta de ação do Museu e a interação observada

A proposta de interação observada permite inferir algumas observações que permitirá uma melhor compreensão entre a proposta do Museu Inimá de Paula com sua ação educativa e sua concretude.

A proposta do Museu encontra-se descrita em seu site e nas linhas abaixo foi inserido alguns dos seus pressupostos.

O setor educativo se propõe a desenvolver atividades que mesclam arte e educação para os diversos públicos de museus e que promovam a ampliação do repertório histórico, cultural e o estímulo do gosto pelo conhecimento, sempre considerando as tendências individuais. Dentre as atividades desenvolvidas tem-se: oficinas, palestras, exposições, que visam estimular o público a utilizar e aperfeiçoar processos de percepção, imaginação, observação, raciocínio, autoconhecimento. Tais atividades procuram fomentar a participação ativa do público no processo criativo de modo que cada um possa conhecer e desenvolver sua própria emoção. Neste sentido, a ação educativa do Museu é definida pelo escopo do projeto como um processo de educação para a vida, cujo resultado é a valorização da diversidade e a contribuição para a formação cultural dos indivíduos, rompendo com as barreiras de exclusão social e contribuindo efetivamente para a constituição de sujeitos autônomos, conscientes e livres.

No que se refere à proposta como um todo merece destaque o fato de que o programa educativo do Museu Inimá de Paula, por conjugar três tipos de interação e, além disso, buscar continuamente no percurso da visita apresentar o artista e sua obra, criando conexões com o cotidiano dos visitantes e instigando-os a ver a arte como forma de expressão que não se restringe a mostrar estritamente o que se vê, mas vai além, buscando uma interação ampliada entre público e exposição.

Além da visita, o programa educativo possui uma proposta de continuidade de sua ação por meio do material didático oferecido aos alunos e professores na finalização da visita à exposição, cujo retorno é promovido por meio de postagem em “blog” (educativo-museuinima.blogspot.com), onde professores podem colocar suas observações sobre a visita e formas de continuidade da ação educativa em sala de aula, além de postar o resultado desta continuidade, quer por meio de fotos, audiovisual ou textos. Esta iniciativa é recente e por isso, o “blog” não possui material suficiente que permitisse uma análise ainda que geral.

Apesar de não ter sido incluída na descrição da pesquisa a visita feita à exposição temporária (do artista plástico Leopoldo Martins) chamou a atenção devido ao interesse despertado nos visitantes durante a visita orientada. Talvez pelo fato de que se tratava de reproduções em vários tamanhos de animais – principalmente panteras – em diversas poses retratando vários momentos da vida desses animais. Os estudantes se mostraram mais motivados neste percurso do que no das obras de Inimá de Paula. O fato de o percurso ter sido feito em apenas cinco minutos, não permitiu que os alunos interagissem com a exposição, haja vista o interesse que a mesma despertou. A diminuição no prazo do percurso se deve ao prazo diminuto para a visita estabelecido pela escola.

Um dos pontos negativos da visita orientada reside no tempo disponibilizado pela escola para a visita, somente cinquenta minutos, quando a proposta do Museu é de noventa minutos. Adequar o percurso ao tempo não foi uma tarefa fácil e fez com que o arte-educador ficasse tolhido em sua ação. Este tempo diminuto também fez com que em determinados momentos a proposta educativa se perdia, quando os próprios estudantes demandavam maior tempo na observação de um ou outro quadro que haviam trabalhado em classe, mas que não se podia demorar em frente às obras para sua “leitura” detalhada, devido a existência de um limite de tempo já bastante restrito. Neste sentido, a proposta interativa perdeu um pouco sua eficácia.

A presença destes tipos de interação – *hands on, minds on, hearts on*, conforme percebido durante a pesquisa/observação tem como justificativa a proposta tanto do setor educativo quanto do Museu como um todo em motivar a apreensão pelo público não apenas dos conceitos artísticos inscritos nas obras expostas, mas, também, sensibilizá-los para o fato de que sua forma de expressão artística decorre tanto das influências teóricas sofridas ao longo de sua vida de pintor, quanto de sua personalidade mais introspectiva e das experiências vividas dentro e fora do país. A proposta interativa do Museu Inimá de Paula se propõe a incidir tanto em aspectos mais concretos da obra do artista quanto em aspectos mais simbólicos, que mescla seu estilo de viver e o conhecimento adquirido, que é transpassado na concepção e aplicação técnica em suas obras.

Para finalizar é necessário destacar que uma melhor caracterização dos processos educativos do Museu, será necessário maior prazo para realização da investigação, de modo a observar melhor tanto a visita orientada quanto a espontânea, pois ambas foram limitadas pelo prazo do pesquisador para a investigação. Desse modo, a contribuição deste trabalho deve ser apreendida como uma análise parcial da proposta de interação do Museu Inimá de Paula, podendo limitar concretude de sua visualização bem como os resultados que uma pesquisa mais detalhada e por um maior espaço de tempo possibilitaria.

Referências

ALMEIDA, A. M. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 31-53, 2005.

CABRAL, Magaly; RANGEL, Aparecida. A curadoria de processos educativos - de ações esparsas à curadoria. **Rede de Educadores em Museus – REMP**. Cuiabá. 2010.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio**: museu de arte e escola - responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. 2000.

WAGENSBERG, Jorge. Principios fundamentales de la museologia científica moderna. **Alambique – Didáctica de Las Ciencias Experimentales**, n. 26, p. 15-19, out/nov, 2000.

WAGENSBERG, Jorge. [Entrevista]. Entrevista concedida a Germana Barata. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 55, n. 2, abr. 2003. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000200012&lng=en&nrm=iso. Acessado em 09 Jan. 2014.

Recebido em: 07.02.2013

Aceito em: 17.01.2014